

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Lumen Gentium: o sonho que ficou a meio caminho [Lumen Gentium: the dream that was halfway]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Caliman, Cleto
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-12 22:05:01
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163144">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163144</a>

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **LUMEN GENTIUM: O SONHO QUE FICOU A MEIO CAMINHO**

### **Entrevista com Cleto Caliman**

*Para o teólogo salesiano Cleto Caliman, entrevistado por **IHU On-Line** por e-mail, o sonho da Lumen Gentium continua. “A Igreja que vivemos hoje é, sem dúvida alguma, mais arejada do que 40 anos atrás. Há nela mais participação, menos uniformidade e mais diversidade. Por outro lado, o sonho parece ter ficado a meio caminho. O sonho foi um pouco bloqueado por forças mais conservadoras no interior da Igreja, que hoje se manifestam com mais força, espelhando a nova situação cultural do final do século XX e do início do século XXI. Elas conseguiram, em parte, redirecionar a compreensão da Igreja mais voltada para o seu interior, arregimentando forças para tornar mais visível o que alguns chamam de “concentração católica”, mas o sonho continua”. Caliman foi professor de Teologia Sistemática na PUC-MG de 1971 a 1986, diretor e professor no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), e é professor de Teologia Pastoral no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, desde 2003. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, São João del Rei, de Minas Gerais, é bacharel em Teologia pelo Instituto Pio XI, de São Paulo, mestre em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma, e doutor em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte. Entre outros livros, é autor de **Sedução do Sagrado: o Fenômeno Religioso na Virada do Milênio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.*

**IHU On-Line- Qual é o significado de celebrar 40 anos da Lumen Gentium? Foi realizado o sonho escrito 40 anos atrás?**

**Cleto Caliman-** Quando João XXIII fez o discurso de abertura do Concílio, ele indicou três aberturas fundamentais para a Igreja: abertura ao mundo contemporâneo (resultou sobretudo na *Gaudium et Spes*, Constituição pastoral sobre “A Igreja no mundo de hoje”); abertura aos irmãos não-católicos, como se dizia naquele tempo (resultou no decreto sobre o “Ecumenismo”); abertura ao mundo dos pobres. Esse terceiro desejo de João XXIII não teve a mesma resposta do Concílio. Foi no pós-concílio, a partir das Igrejas do Terceiro Mundo, que esse desejo tem sua resposta. Essas três aberturas significam também ver com um olhar diferente do tradicional a Igreja, depois de praticamente um milênio de cristandade ou seus derivados. Na prática, significa uma nova compreensão da Igreja em três eixos: 1) na relação da Igreja com o mundo, de uma Igreja mais voltada sobre si, pensada como “sociedade perfeita”, distanciada da sociedade moderna e com saudade da Idade Média, para uma Igreja mais voltada para o mundo, pensado agora não mais como “lugar” separado, profano, alheio à Igreja, mas como história, “lugar” da própria autocomunicação de Deus e lugar em que a Igreja exerce a sua missão evangelizadora. Para isso desenvolveu-se uma teologia dos “sinais dos tempos”. As realidades terrestres adquirem um significado para a fé cristã;

2) na relação da Igreja católica com as demais Igrejas e tradições cristãs não católicas, pela abertura ecumênica. O Concílio não partiu do velho refrão de que “fora da Igreja não há salvação”, mas da Igreja como “mistério”, expressão da vontade salvífica universal de Deus que quer que todos, sem exceção se aproximem dele. Partiu da compreensão da Igreja como “povo de Deus”, uma categoria bíblica que abre a compreensão da Igreja em direção ao povo escolhido de Israel e, ao mesmo tempo, aos irmãos protestantes que prezam, sobremaneira, as Escrituras; 3) no interior da Igreja, houve um deslocamento da atenção da hierarquia para os fiéis. Tomando como ponto de partida a categoria povo de Deus como povo de batizados, partindo do que diz respeito a todos antes de qualquer diferenciação interna, o Concílio abre

caminho para a participação e a co-responsabilidade de todos os batizados na missão da Igreja. Agora, se você me pergunta hoje se o sonho da Igreja que se delinea na *Lumen Gentium* se realizou, minha resposta é matizada. Em parte sim. A Igreja que vivemos hoje é, sem dúvida alguma, mais arejada do que 40 anos atrás. Há nela mais participação, menos uniformidade e mais diversidade. Por outro lado, o sonho parece ter ficado a meio caminho. O sonho foi um pouco bloqueado por forças mais conservadoras no interior da Igreja, que hoje se manifestam com mais intensidade, espelhando a nova situação cultural do final do século XX e do início do século XXI. Elas conseguiram, em parte, redirecionar a compreensão da Igreja mais voltada para o seu interior, arregimentando forças para tornar mais visível o que alguns chamam de “concentração católica”. O sonho continua.

**IHU On-Line- Quais os significados comprometidos nos conceitos de "povo de Deus" e de "corpo místico de Cristo" e qual a tensão entre ambas visões de Igreja?**

**Cleto Caliman-** Entre a categoria “povo de Deus” e a imagem “Corpo místico de Cristo” não há oposição. Cada um desses conceitos denota uma dimensão fundamental da Igreja. “Corpo místico de Cristo” expressa melhor a interioridade misteriosa da Igreja. Abre caminho para a participação de todos os fiéis no mistério de Cristo, em condição de igualdade diante de Deus. Já a categoria “povo de Deus” foi usada pelo Concílio por três motivos. Primeiro, para indicar a origem divina da Igreja. A Igreja é povo “de Deus” e não meramente uma realidade sociológica. Segundo, para indicar a plena historicidade da Igreja no mundo. Ela é expressão da Encarnação do Verbo de Deus, seu sacramento histórico. O mundo agora faz parte da própria compreensão da Igreja. Seu lugar de realização é, pois, não fora do mundo, mas dentro dele como dinamismo evangélico para a sua transformação. Terceiro, para indicar uma abertura ao ecumenismo. Sendo uma categoria bíblica, ela predispõe os nossos irmãos não-católicos a acolher a intenção ecumênica declarada solenemente pela Igreja católica no Concílio.

**IHU On-Line- Qual é a visão eclesiológica "pano de fundo" do atual pontificado?**

**Cleto Caliman-** Para responder a esse quesito é preciso recordar um pouco a história da “recepção” da eclesiologia conciliar no período pós-conciliar. “Recepção” é uma categoria teológica para indicar a acolhida que as Igrejas locais e os fiéis espalhados por todo o mundo dão às orientações que chegam dos órgãos de direção da Igreja. No caso do Concílio e de sua compreensão de Igreja, a “recepção” foi, desde cedo diferenciada, para não dizer conflitiva. O fato é o seguinte. Na produção do texto conciliar as diferentes tendências internas da Igreja chegaram a um consenso sobre uma determinada redação. Cada lado se viu espelhado no texto. Mas nem por isso ficou anulada a própria visão da Igreja. No pós-concílio a diferença persiste. Mais ainda porque a leitura se faz não mais, digamos assim, a partir dos bispos reunidos em Concílio, mas a partir do “espaço humano”, histórica e culturalmente situado, pelo mundo afora. Vamos ver a Igreja como povo de Deus no mundo de hoje, complexo e conflitivo, ou vamos cuidar melhor da Igreja enquanto “mistério” ou “sacramento”, “comunhão” em busca de uma unidade mais profunda com os pastores? O uso das categorias não é inocente. Ele sempre revela o interesse de cada parte. “Povo de Deus” expressa melhor a participação da Igreja na sociedade. Foi e continua sendo a preocupação nossa aqui na América Latina, com a opção preferencial pelos pobres, as CEBs, as pastorais sociais, puxando para a libertação integral do ser humano na sua dimensão pessoal e social (nesta direção temos a Assembléia de Medellín, 1968, e de Puebla, 1979). “Comunhão” expressa melhor o modo de ser próprio da Igreja. Ele é expressão da comunhão trinitária. Sob esse ângulo é uma excelente abordagem da Igreja. Mas se presta a um jogo perigoso na medida em que esse “comunhão” é entendida de forma unilateral, como “comunhão hierárquica”, pressionando para um “recentramento” da

Igreja, que beira o autoritarismo. A linha mais conservadora conseguiu impor essa releitura da eclesiologia conciliar no Sínodo Extraordinário de 1985, em comemoração aos 20 anos do término do Concílio, deixando no esquecimento a chave eclesiológica “povo de Deus”. Essa compreensão esquece a dimensão batismal da “comunhão”. Todos os batizados são sujeitos dessa comunhão pela ação do Espírito Santo no coração de todos e cada um dos fiéis. Essa grande comunhão nos bens do Reino nos faz todos uma grande fraternidade em peregrinação pela história.

**IHU On-Line- Como a Igreja poderia ser mais democrática? Há algumas tendências eclesiológicas nesse sentido na atualidade?**

**Cleto Caliman-** Logo depois do Concílio apareceu o projeto de uma *Lex Fundamentalis Ecclesiae*, ou seja, de uma lei fundamental da Igreja. Esse “Lei fundamental” deveria basear-se na igualdade fundamental de todos os batizados, uma espécie de “carta magna” da Igreja. Nessa época falou-se muito em “democratização” da Igreja. Mas logo se viu que esse termo, no contexto de conflito entre ideologias à direita e à esquerda, o uso desse termo poderia induzir a uma compreensão errônea da vida eclesial. Mas o espírito que conduziu essa busca democrática na Igreja não sumiu. Creio que ele permanece entre nós quando estamos constantemente buscando aprofundar a “participação”, a “co-responsabilidade”, “o caminhar solidário”, na Igreja e na sociedade.

**IHU On-Line- Quais são os principais desafios para a Igreja, hoje? Que novas eclesiologias são necessárias?**

**Cleto Caliman-** Os desafios são muitos. Mas tendo resumi-los em quatro: primeiro, a persistência da pobreza no continente. Mais ainda, o seu agravamento na exclusão social. Num mundo marcado pelo neoliberalismo triunfante o pobre é não só oprimido, como se dizia depois de Medellín<sup>2</sup>, mas também excluído, como se começa a dizer depois dos anos 80 do século XX. O segundo desafio está no nível da cultura: ou seja, a Igreja tem que agir pastoralmente numa situação cultural contraditória em que se encontra hoje a “cultura urbana”, situada entre a “cultura da satisfação”, do supérfluo, do consumismo, e a “cultura da sobrevivência”, da miséria e da fome, do trabalho informal e dos “desvios sociais” (droga, gatunagem, contrabando etc.). O terceiro desafio está no nível da comunicação: ante a parafernália dos instrumentos avançados de comunicação - os Meios - está o desafio da *solidão*, da incomunicação de indivíduos cada vez mais fechados sobre si mesmos. O quarto desafio se situa na participação. Apenas 20% dos católicos são realmente “participantes”; os demais 80% comparecem apenas raramente à sua comunidade para buscar algum serviço e para cumprir algum rito. Vive no catolicismo tradicional (popular) ou no catolicismo “secularizado” e individualista. Os dois têm pouca sensibilidade comunitária. Para enfrentar esses desafios hoje seria preciso retomar a inspiração primeira do Concílio. De uma Igreja menos voltada para si mesma e mais comprometida com o mundo, com o povo. No término do Concílio, Paulo VI apontou o caminho da Igreja. Ela deve ser servidora da humanidade. Isto significa deixar para trás qualquer pretensão de hegemonia, tutela sobre a sociedade. Implica numa eclesiologia do “povo de Deus peregrino” e solidário com a humanidade. Assim inicia a *Gaudium et Spes*: “As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”. Nesse caminho indicado pelo Concílio à Igreja eu creio.

---

<sup>2</sup> O entrevistado refere-se à II Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Medellín, Colômbia, em 1968 (Nota do *IHU On-Line*).

**IHU On-Line- Poderia dizer-se que as distâncias entre a Igreja e o mundo, que podiam existir 40 anos atrás, diminuíram na atualidade?**

**Cleto Caliman-** Acho que o percurso da Igreja em relação ao mundo mudou um pouco. 40 anos atrás a Igreja fez uma passagem fundamental, como dizia Roger Garaudy<sup>3</sup>, a Igreja passou “do anátema ao diálogo”. Deixou para trás o tempo do confronto, para estabelecer com o mundo um diálogo crítico, mas positivo, em vista do bem de toda a humanidade. 40 anos passados, o clima parece diferente. O caminho parece inverso. Vemos uma Igreja preocupada mais consigo mesma, com sua vida interna. Basta olhar para os temas dos Sínodos desde a década de 80 do século XX até o que se anuncia para 2005 (sobre a Eucaristia). Todos voltados para a disciplina interna da Igreja.

**IHU On-Line- O que a Igreja pode dizer hoje de se mesma?**

**Cleto Caliman-** É difícil dizer o que a Igreja hoje pode dizer de si mesma. “A Igreja são muitas”. Há tendências variadas dentro da Igreja. Cada qual tem sua voz, desde as tendências mais fundamentalistas até as mais críticas à condução da Igreja. Pessoalmente acho que devemos distinguir entre vozes que se fazem ouvir como resposta a conjunturas históricas (muitos movimentos na Igreja são reativos: reagem à insegurança, à incerteza do tempo, e montam as suas estratégias a partir dessa reação) e a palavra permanente da Igreja (esta deve sempre partir da sua consciência evangélica, expressa um compromisso que antecede mesmo a percepção da história e provoca os fiéis a irem ao encontro dos desafios de hoje de forma ativa, propositiva). Esta deve viver radical e profeticamente o Evangelho de Jesus Cristo como caminho de vida.

**IHU On-Line- Algum outro aspecto que deseje acrescentar e não foi perguntado?**

**Cleto Caliman-** Acho que já disse o bastante. Acrescento apenas que, no início do século XXI temos um novo clima cultural que já não é mais o do tempo do Concílio. Naquele tempo estávamos no término de uma época, a modernidade com sua razão, cheia de otimismo e orgulho de suas potencialidades. Hoje estamos em plena crise da modernidade e de sua razão, estamos no que se convencionou chamar de pós-modernidade. Creio ser uma nova chance para a Igreja avançar na sua renovação, em diálogo com o momento cultural de hoje, retomando o Concílio num novo clima, de forma mais propositiva, articulando sua inspiração com as novas buscas de hoje. A “recepção” do Concílio e de sua compreensão de Igreja continua.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DIVERSAS IMAGENS PARA UMA MESMA IGREJA

### Entrevista com Álvaro Barreiro

*O teólogo jesuíta espanhol, radicado no Brasil, Álvaro Barreiro valoriza as diversas imagens de igrejas construídas ao longo da história do cristianismo. “No Novo Testamento, há aproximadamente 80 imagens, símbolos, concepções ou modelos de Igreja. Eles foram vividos, aprofundados e transmitidos ao longo da história pela teologia e a pastoral da época patrística, medieval, moderna e atual. Cada modelo de Igreja tem seus pontos fortes, mas nenhum deles é capaz de expressar adequadamente a riqueza do mistério da Igreja.*

<sup>3</sup> Roger Garaudy (1923): Intelectual idealista francês, protestante, que depois tornou-se comunista e depois marxista, depois católico e depois muçulmano. **Do anátema ao diálogo** e **A grande virada do socialismo** são dois de seus livros publicados em português. (Nota do **IHU On-Line**).